

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudos teóricos, os depoimentos e diálogos, foram úteis para ampliar nossa compreensão pessoal a respeito da relação entre as HQs e o ensino de Artes Visuais. À medida que aprofundamos as análises esta questão se tornou mais clara para nós. A participação em cursos de HQs como ouvinte ou como professora também contribuiu para este processo. Da mesma forma que ampliou nosso conhecimento sobre o tema problema estudado, esperamos que a pesquisa amplie a compreensão de outros professores a respeito dos estudos em torno das HQs, em situações de ensino das Artes Visuais.

É importante assinalar ainda que, no decorrer da análise, foram surgindo novas perguntas sobre o ensino das histórias em quadrinhos, e as relações que se produzem em seu entorno, além de outras sobre a própria arte dos quadrinhos, deixando em aberto questões que podem ser investigadas futuramente.

A análise revela práticas de ensino relacionadas às histórias em quadrinhos, apegadas à concepção tradicionalista da educação e voltadas para o aprendizado de habilidades técnicas do desenho e da criação livre, teoricamente superficiais e que não fomentam conhecimentos críticos, confirmando indagações feitas no início da pesquisa. Conforme Hernández (1998), a aprendizagem vinculada ao fazer, à atividade manual e à intuição também são formas de aprendizagem. Segundo esse autor, embora a psicologia cognitiva tenha valorizado mais a aprendizagem conceitual, deixando de lado as atividades manuais e artesanais, estas também podem recuperar “toda uma série de habilidades que nossa cultura tende a menosprezar” (HERNÁNDEZ, 1998, p. 86) e ainda podem dotar os alunos de novas estratégias e possibilidades para dar respostas às necessidades que encontram em sua vida, se estiverem vinculadas a projetos de ensino direcionado para tais objetivos.

A tendência para o ensino conceitual, citada por Hernández (1998), talvez se encontre mais relacionada ao ensino da arte erudita. No caso da arte dos quadrinhos, o ensino indica estar menos ligado a conceitos e mais apegado às atividades manuais e espontâneas. Como destaca esse autor, o fazer manual ou técnico e a educação para a compreensão crítica são ambas importantes para o ensino da arte dos quadrinhos. Porém os professores “esquecem” que esta arte também está ligada a valores, conceitos, idéias e crenças e, segundo os relatos, não trabalham de modo crítico com estas questões e não as trazem para debate. Diante da diversidade de produções e conteúdos no universo das histórias em quadrinhos, os professores não se posicionam a seu respeito e não as incluem nas aulas.

Quando as HQs são trabalhadas no ensino de Arte, os professores em sua maioria, o fazem apenas com um autor - Maurício de Souza - em todas as séries do ensino fundamental, porque seus desenhos são claros, simples e fáceis para os alunos e, de maneira implícita, indicam sua aceitação pelo fato de possuir características educativas, geralmente associadas ao ensino da Língua e a valorização de um trabalho nacional.

Grande parte das práticas analisadas, que usa personagens da Turma da Mônica, porque os alunos gostam deles, encaixa-se nas proposições da perspectiva da satisfação, citadas por Hernández (2007). Como explica esse autor, a ausência de um trabalho crítico e reflexivo faz com que os professores acabem validando prazeres ao invés de estabelecer perspectivas educativas que ofereçam às crianças e adolescentes meios para discernimento criterioso, diante de questões morais, sociais e éticas. Além disso, como observa David Buckingham (1993 *apud* HERNÁNDEZ, 2007, p. 68), os professores não fazem mais que deixar os estudantes permanecerem onde estão.

Acreditamos que seja válido, que os professores tenham essa preocupação em selecionar conteúdos que consideram interessantes para os estudantes e que valorizem a cultura local. No entanto é uma forma um pouco limitada de trabalhar, pois permite apenas o entendimento de um único sentido ou uma visão única, o que não impede o contato dos alunos com a diversidade das HQs em seu cotidiano, que hoje não ocorre somente por meio das revistas. Como Steinberg e Kincheloe (2004) assinalam, não adianta nos autoexcluir da cultura que nos cerca, como se esta não existisse. Não basta apenas transmitir técnicas ou ficar apegado a um só autor.

Segundo Freire (1979, 1997), Hernández (1998, 2000, 2007), Giroux (1997, 2003), Chalmers (2003) e Pollock (2003), entre outros teóricos, não existe educação neutra. É interessante que os valores utilizados pelas diferentes culturas com as quais estamos envolvidos sejam questionados, para que os alunos aprendam a refletir e a emitir julgamentos próprios a seu respeito. Assim como considerar que a prática pedagógica é também política e não se reduz ao processo de ensino-aprendizagem. O que implica, segundo Hernández (2007, p.39) “prevenir-se dos discursos que procuram, sob a aparência da neutralidade e de objetivismo, delinear visões do mundo e de representações do sujeito que excluem e deixam à margem muitas das representações identitárias existentes.” Recorda Hernández (2007) que muitas das formas de representação marginalizadas, contribuem de maneira poderosa para a construção das subjetividades de crianças e adolescentes.

O estudo demonstra que os docentes pouco levam em conta as premissas da educação pós-moderna que buscam não fazer distinções valorativas entre a cultura erudita e a cultura popular. Tampouco consideram a necessidade da pesquisa e sua importância como mediadores de conhecimentos dos alunos. Conforme Freitas (2006, p. 3), existe um descompasso entre o que muitos professores introjetaram sobre o significado de ser professor e o que se espera do profissional docente na atualidade. Como destaca essa autora, a nova postura do professor como mediador dos saberes, possibilita o intercâmbio e o encontro com as pessoas. Para o aluno, conforme Franz¹, Freire (1979, 1997), Hernández² e Corrêa (2004), a mediação, facilita a construção de novos conhecimentos.

Segundo Freitas (2006, p. 3), muitos professores permanecem presos ao passado e a um modelo romanceado de formação, “onde não há espaço, nem tempo disponível para novas demandas e novos conhecimentos.”

Hoje ainda é comum pensar apenas em revistas quando se fala em histórias em quadrinhos, pois somente a partir da década de 1990, com a popularização da Internet, *fanzines* e tiras humorísticas passaram a proliferar rapidamente na rede, depois de um tempo em que se acreditava que esta arte deixaria de existir. Poucos de nós se deram conta disso, pois a preocupação de que as HQs migrassem integralmente para as novas tecnologias, na opinião de McCloud (2006), faria com que muitos leitores de revistas em quadrinhos os abandonassem. Conforme alguns

¹ Franz (2000, 2003a, 2003b, 2003c, 2003d, 2005a, 2005b).

² Hernández (1998, 2000, 2003a, 2005, 2007).

editores, parece que isso não aconteceu. As produções e o mercado das HQs, hoje, ao contrário, experimentam um período de reaquecimento, ampliando o número de leitores. Os avanços tecnológicos das mídias digitais permitiram novas conquistas para a sociedade e para a arte dos quadrinhos, mas também trazem novos problemas e desafios para o ensino e para os educadores.

Para alguns pesquisadores das novas tecnologias aplicadas às HQs, a Internet pode funcionar como um espaço democrático, como afirma Edgar Franco (*apud* MAGALHÃES, 2004, p. 108), para quem a “Internet aponta para uma ruptura da hegemonia das grandes editoras, [...] indicando uma nova tendência para o mercado das HQs impressas em todo o mundo.”

Para outros teóricos, como Frohne (2001), a realidade hoje contrasta com o discurso inicialmente otimista, no qual as novas tecnologias trariam uma igualdade ideal, acima dos limites nacionais intelectuais, e livre dos papéis de gênero. Para essa autora, a rede está se transformando em um campo de batalha de interesses de poder e segmentação e principalmente em um lugar de acumulação de capital, enquanto afasta um grande número de pessoas incapazes de se conectarem, por condições psicológicas, idade ou classe social.

Conforme Papert, teórico da inteligência artificial (*apud* FREITAS, 2006), tanto os avanços tecnológicos podem ser colocados a serviço da solidariedade social, quanto ampliar a sede destruidora pelo poder. Segundo Freitas (2006, p. 1), hoje os seres humanos se encontram perante um duplo desafio: “ou permanecem presos nas armadilhas tecnológicas, que direcionam a vida em sociedade através da produção e do consumo desenfreado de bens, ou podem avançar rumo ao convívio solidário”, unindo as tecnologias aos processos de subjetivação humanos.

Décadas atrás³, questionavam-se as histórias em quadrinhos, porque se considerava que eram prejudiciais para o aprendizado da leitura e eram um meio de alienação cultural (SCARELI, 2003; JUNIOR, 2004). A despeito disso, o meio em que vivemos tornou-se essencialmente visual, e hoje as HQs ocupam espaço cada vez mais amplo na Internet. A cada dia, um número maior de crianças, segundo Steinberg e Kincheloe (2004) compartilham do mundo adulto através da hiper-realidade da mídia eletrônica e das mídias digitais.

Conforme esses autores, as mídias e novas tecnologias digitais alteram profundamente o modo de aquisição de conhecimentos da criança e até mesmo o

³ Ver item 1.2 – Problema de Pesquisa.

seu conceito sobre a autoridade do adulto. Crianças e adolescentes têm um contato constante a Arte Seqüencial/HQs, mediante as mídias. Porém, buscam o entretenimento, a diversão e o passatempo, a fim de aliviar tensões, e não o conhecimento em si mesmo, embora aprendam muitas coisas neste relacionamento. O acesso de crianças e adolescentes ao mundo das imagens é ilimitado e os contatos que fazem são importantes não apenas para o ensino de Artes Visuais, mas para sua formação. Contudo pouco sabemos a respeito desses relacionamentos, particularmente no que se refere às histórias em quadrinhos. Diante da troca dos meios técnicos e/ou artesanais pelos meios digitais, para Poissant (1997, *apud* CORRÊA e MATTÉ, 2005, p. 206), “é preciso mudar de atitude, de corpo e espírito para captar em que estas imagens inovam e sobretudo como elas estão transformando fundamentalmente o nosso meio.”

Então como fica a relação de crianças e adolescentes com as HQs hoje? Qual a importância real que tem esta arte para as crianças e adolescentes na atualidade? Qual o significado que tem para eles? Como a compreendem?

No estudo exploratório, a meta era encontrar evidências sobre o problema de pesquisa⁴, mas também surgiram indagações sobre questões de gênero. Em princípio, acreditávamos que pelo fato de gostarem de desenhar, tanto meninas quanto meninos, crianças e adolescentes, gostassem da mesma maneira de histórias em quadrinhos. Mas naquele estudo, percebeu-se uma aproximação maior de meninos com esta arte, ao contrário do que acontece com as meninas. Inclusive hoje há uma tendência para uma maior segmentação das histórias em quadrinhos.

Todavia em sala de aula costuma-se ensinar sobre as HQs de modo indistinto. Este é um dado que leva à necessidade de investigar qual a realidade desta arte para crianças e adolescentes. Acreditamos que não apenas aquilo que o professor de Artes Visuais leva para sala de aula é importante, mas o que os alunos encontram fora dela. Geertz (1997) recorda que a arte, os objetos estéticos não são apenas um mero encadeamento de formas, mas objetos ou artefatos que se relacionam aos demais componentes da experiência humana.

Essas considerações abrem a possibilidade para novas pesquisas sobre a relação de crianças e adolescentes ligadas às representações da Arte Seqüencial/HQs, presentes também em desenhos animados e Internet, incluindo

⁴ “Como os professores de ensino fundamental se relacionam com a Arte Seqüencial/Histórias em quadrinhos no ensino de Artes Visuais?”

questões de gênero e que podem ser realizadas em projeto de pesquisa para doutorado. Uma futura pesquisa seria importante para consubstanciar o presente trabalho, a fim de conhecer o que os alunos costumam ler e em quais mídias lêem sobre quadrinhos. Análises neste sentido poderiam dizer-nos coisas úteis sobre como crianças e adolescentes compreendem e utilizam essa arte, qual o significado que tem para eles, como isso influencia sua vida, seu aprendizado e sua relação com as Artes Visuais, trazendo dados importantes para os professores, fornecendo elementos para o trabalho com os alunos na escola.

Por fim, cabe dizer que a pesquisa auxiliou para compreendermos as relações dos docentes com a Arte Seqüencial/histórias em quadrinhos, contudo tem seus limites assim como o instrumento de mediação para análise crítica de imagens de histórias em quadrinhos proposto, que pode auxiliar aqueles que tenham interesse em ensinar sobre essa arte.

Consideramos que as questões estéticas dos quadrinhos, neste trabalho ficaram um pouco à parte, embora não tenham sido esquecidas. Da mesma forma que a pesquisa demonstra que as leituras críticas são particularmente importantes para o ensino de HQs e que estas necessitam ser divulgadas entre os professores, a fim de permitir que os próprios alunos adquiram autoconsciência e posicionamentos críticos diante das produções e representações existentes na área dos quadrinhos, há necessidade de maior compreensão sobre esta arte, também no âmbito artístico. Os depoimentos revelam que há total desconhecimento entre os professores entrevistados, a respeito de obras, autores e estilos dos quadrinhos, denotando uma carência de estudos nesta área, própria do ensino de Arte.

Vasta bibliografia pode ser encontrada sobre a história e como fazer histórias em quadrinhos. Bibliografia relacionada ao uso desta arte em sala de aula, pode também ser encontrada. Deixa a desejar, no entanto, bibliografia referente a obras, autores e estilos, para o ensino de Artes Visuais, denotando ser um dos elementos limitadores deste ensino. À parte sua história polêmica, como enfatiza Quella-Guyot (1994, p. 44), as HQs são um produto cultural e artístico e também produziram obras “que não merecem a superficialidade habitual de alguns excertos perdidos numa página de manual.” Hoje existem muitas produções autônomas de artistas de histórias em quadrinhos pouco preocupadas com sua distribuição em série em larga escala, que buscam a qualidade dos conteúdos e dos aspectos artísticos, mas que são desconhecidas entre os professores e alunos, podendo ser investigadas e

estudadas com atenção no ensino de Artes Visuais. Levando em conta esta carência, considerando a importância que têm para o ensino de Artes Visuais, estudos neste âmbito poderiam ser incluídos em projeto de pesquisa futuro, com a finalidade de ampliar as possibilidades de estudos dessa arte.

Na contemporaneidade, o ensino de Artes Visuais se encontra diante de muitos desafios, tais como a pluralidade das formas artísticas. Sem desconsiderar esses aspectos e as dificuldades com que se depara este ensino hoje, é fundamental, do ponto de vista deste estudo, também levar o professor a questionar-se sobre suas práticas pedagógicas, conceitos e valores com as quais estão relacionadas e sobre a importância de estar conectado e atendo às transformações atuais da sociedade da cultura e da arte.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Claudia Zamboni. As relações arte/tecnologia no ensino da arte. In: PILLAR, Analice Dutra (Org.). **A educação do olhar no ensino das artes**. Porto Alegre: Mediação, 1999. p. 73-84.

ACEVEDO, Juan. **Como fazer histórias em quadrinhos**. São Paulo: Global, 1990.

BABIN, Pierre ; KOULOUMDJIAN, Marie-France. **Os novos modos de compreender**. São Paulo: Paulinas, 1989.

BARBOSA, Ana Mae. **Arte-educação no Brasil: das origens ao modernismo**. São Paulo: Perspectiva: Secretaria da Cultura, Ciências e Tecnologia do Estado de São Paulo, 1978.

_____. **A imagem no ensino da arte: anos oitenta e novos tempos**. São Paulo: Perspectiva, 1991.

_____. **Tópicos Utópicos**. Belo Horizonte: C/ Arte, 1998.

_____. **Inquietações e Mudanças no Ensino da Arte**. São Paulo: Cortez, 2003.

_____. (Org.). **Arte-educação: leitura no subsolo**. São Paulo: Cortez, 2005a.

_____.(Org.). **Arte/Educação Contemporânea: consonâncias internacionais**. São Paulo: Cortez, 2005b.

BARBOSA, Ana Amália. Releitura, citação, apropriação ou o quê? In: BARBOSA, Ana Mae (Org.). **Arte/Educação Contemporânea: consonâncias internacionais**. São Paulo: Cortez, 2005b.432 p., p. 143-149.

BASBAUM, Sérgio. **O primado da percepção digital e suas conseqüências no ambiente midiático**. Tese de Doutorado em Comunicação. PUC – USP - Universidade de São Paulo, 2005.

BRASIL. Ministério da Educação. **PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS**. Arte. Ensino de primeira à quarta série. v. 6. Brasília: MEC - Secretaria de Educação Fundamental, 1997.

BRASIL. Ministério da Educação. **PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS.** Arte. Ensino de quinta à oitava série. v. 6. Brasília: MEC - Secretaria de Educação Fundamental, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. **PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS.** Língua Portuguesa. Ensino de primeira à quarta série. v. 2. Brasília: MEC - Secretaria de Educação Fundamental, 1997. Disponível em:
<<http://mecsrv04.mec.gov.br/sef/estrut2/pcn/pdf/livro02.pdf>> Acesso em: 24 abr. 2007.

CARVALHO, DJota. **A educação está no gibi.** São Paulo: Papirus, 2006.

CARR, Wilfred. **Uma teoria para la educación. Hacia una investigación educativa crítica.** Madrid: Morata, 1996.

CARY, Richard. **Critical Art Pedagogy: Foundations for Postmodern Art Education.** New York; London: Garland, 1998.

CAVALCANTI, Ionaldo A. **Esses incríveis heróis de papel.** São Paulo, SP.: Editora Mater, s.d.

CHALMERS, F. Graene. **Arte, educación y diversidad cultural.** Barcelona: Paidós, 2003.

CIRNE, Moacy. **Para ler os quadrinhos: da narrativa cinematográfica à narrativa quadrinizada.** Petrópolis: Vozes, 1972.

CONDE, Luis. El arte secuencial. **Revista Leer.** v. 16, nº 114, p. 34-37. Julio-Agosto, 2000.

CORRÊA, Ayrton D. (Org.). **Ensino de artes: múltiplos olhares.** Ijuí: Ed. Ijuí, 2004.

CORRÊA, Ayrton D. A pesquisa como elemento catalisador na formação do professor de Artes Plásticas. In: CORRÊA, Ayrton D. (Org.). **Ensino de artes: múltiplos olhares.** Ijuí: Ed. Ijuí, 2004. 384 p., p. 11-29.

CORRÊA, Ayrton D.; MATTÉ, Simone Witt. A contemporaneidade da docência em Artes Visuais e as novas tecnologias. In: OLIVEIRA, Marilda Oliveira e HERNÁNDEZ, Fernando (Orgs.). **A formação do professor e o ensino de Artes Visuais.** Santa Maria-RS: Ed. UFSM, 2005. 232 p., p. 199-210.

DEMO, Pedro. **Metodologia do conhecimento científico.** São Paulo: Atlas, 2000.

_____. **Pesquisa e informação qualitativa: aportes metodológicos.** Campinas, SP.: Papirus, 2001.

DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio (Orgs.) **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005. 380 p., p. 62-83.

DUARTE, Maria L. Batezat. **Imagens infantis nos desenhos tradicionais e nos jogos de computador**. 23ª Reunião Anual da ANPEd (Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação) 2000. Disponível em: <<http://168.96.200.17/ar/libros/anped/1608T.PDF>> Acesso em: 15 nov. 2006.

DISNEY EXPLORA. São Paulo: VISOR Copyright Ed. Gráfica, ano 1, n. 5, jun. 1999.

DOWING, John D. H. **Mídia Radical**. São Paulo: SENAC São Paulo, 2002.

EFLAND, Arthur D.; FREEDMAN, Kerry; STUHR, Patrícia. **La educación en el arte posmoderna**. Barcelona: Paidós, 2003.

EFLAND, Arthur D. Cultura, sociedade, arte e educação num mundo pós-moderno. In: GUINSBURG, Jacó; BARBOSA, Ana Mae (Org.) **O pós-modernismo**. São Paulo: Perspectiva, 2005. p. 173-188.

EISNER, Will. **Quadrinhos e Arte Seqüencial**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

_____. **La narración gráfica**. Barcelona: Norma Editorial, 1998.

EISNER, W. Elliot. **El ojo ilustrado. Indagación cualitativa y mejora de la práctica educativa**. Barcelona: Paidós, 1998.

FERRAZ, M. Heloísa C. de T.; FUSARI, M. F. de Rezende; **Metodologia do Ensino da Arte**. São Paulo: Cortez, 1993.

FLICK, Uwe. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Bookman, 2004.

FRANZ, Teresinha Sueli. **Da avaliação das compreensões às estratégias de ensino: O caso de uma pintura histórica brasileira**. Tese de Doutorado em Belas Artes. Universidade de Barcelona, 2000.

_____. **Educação para a compreensão da arte**. Florianópolis: Insular, 2001.

_____. **Educação para uma compreensão crítica da Arte**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2003a.

_____. O Significado da interpretação crítica de uma obra de arte. **Revista Pátio**, Porto Alegre, Artes Médicas, v. 28, 2003b.

_____. Retirantes: Um olhar crítico sobre a fome. **Revista Nova Escola**, v. 161, abr. 2003d. Disponível em: <http://novaescola.abril.com.br/index.htm?d/161_abr03/html/repcapa_exclusivo2> Acesso em: 19 set. 2006.

_____. Os desafios para uma educação Pós-Moderna. **Cadernos de Texto da FUNARTE** – Programa de Arte sem Barreiras, Rio de Janeiro, v. 4, 2004. Disponível em: <<http://www.funarte.gov.br/asbarreiras/asbpublicacoes.htm>> Acesso em: 30 out. 2006.

_____. **Educar para uma compreensão crítica da arte**. In: OLIVEIRA, Marilda Oliveira; HERNÁNDEZ, Fernando (Orgs.). A formação do professor e o ensino das artes visuais. Santa Maria: Ed. UFSM, 2005a.

_____. Diferença entre iniciantes e especialistas na educação para a compreensão crítica das Artes Visuais. In: **Cultura visual e desafios da pesquisa em artes: 14º ANPAP** – Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas. Goiânia, 1995. Universidade Federal de Goiânia UFG, v. 2. p. 581-592. 2005b.

FRANZ, T. S.; GENTILLE, P. Para ler e entender videogames. **Revista Nova Escola**, São Paulo, v. 161, abr. 2003c. Disponível em: <http://novaescola.abril.com.br/index.htm?ed/161_abr03/html/repcapa_exclusivo2> Acesso em: 19 set. 2006.

FREEDMAN, Kerry. Social Perspectives on Art Education in the US: Teaching Visual Culture in a Democracy. **Studies in Art Education**, v. 41, n. 4, p. 314-329, Summer 2000.

_____. Ensaio monográfico. **Revista de Educación**. Universidade Nacional de Educación a Distância. Madrid, 2001.

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. São Paulo; Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

FREITAS, Neli Klix. Trajetórias de Mestres. **Revista Profissão Docente Online**, v. 5, 2006. Disponível em <<http://www.uniube.br/institucional/proreitoria/propep/mestrado/educacao/revista/artigos.htm>> Acesso em: 23 fev. 2007.

FROHNE, Ursula. Re-mapping the virtual world – utopian construction versus power structures *in* Cyberspace. In: WEIBEL, Peter (Ed.). OLAFUR, Eliason. **Surroundings Surrounded. Essays on Space and Sciences**. Cambridge: The Mit Press, 2001, p. 200-207.

FUSARI, M. F. de Rezende; FERRAZ, M. Heloísa C. de T. **Arte na Educação Escolar**. São Paulo: Cortez, 1992.

GADOTTI, Moacir. **História das Idéias Pedagógicas**. São Paulo: Ática, 2002.

GEERTZ, Clifford. **O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa**. Petrópolis: Vozes, 1997.

GIROUX, Henry. **Os professores como intelectuais: rumo a uma pedagogia crítica**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

_____. **Atos Impuros: a prática política dos estudos culturais**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

GODOY, Arilda S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. In: **Revista de Administração de Empresas**, v. 35, n. 2, mar.-abr. 1995, p. 57-63.

GOMEZ, A.I. Perez. **A cultura escolar na sociedade neoliberal**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

HALAS, John; MANVELL, Roger. **A técnica da animação cinematográfica**. Rio de Janeiro, RJ: Editora Civilização Brasileira, 1979.

HERNANDEZ, Fernando. **Transgressão e mudança na educação: os projetos de trabalho**. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

_____. **Cultura Visual, Mudança Educativa e Projeto de Trabalho**. São Paulo: Artes Médicas, 2000.

_____. **La necesidad de repensar la educación de las artes visuales y su fundamentación en los estudios de Cultura Visual**. Seminário proferido no Congresso Ibérico de Arte-Educación, Porto, Portugal, nov. 2001. Disponível em <<http://www.rio.rj.gov.br/sme/destaques/debates.htm>> Acesso em: 30 out. 2006.

_____. Pesquisar para aprender. Educador espanhol explica como trabalhar a aprendizagem utilizando projetos. Entrevista de C. Marangon com Fernando Hernández. **Revista Nova Escola**, n. 154, ago. 2002. [online]. Disponível em <http://novaescola.abril.com.br/ed/154_ago02/html/hernandez.doc> Acesso em: 23 de maio 2007.

_____. Ir além da visão e da satisfação: a educação para a compreensão crítica da cultura visual. In: FRANZ, Teresinha S. **Educação para uma compreensão crítica da arte**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2003a. 318 p., p. 9-14.

_____. A construção da subjetividade docente como base para uma proposta de formação inicial de professores de artes visuais. In: OLIVEIRA, Marilda Oliveira; HERNÁNDEZ, Fernando (Orgs.). **A formação do professor e o ensino das artes visuais**. Santa Maria: Ed. UFSM, 2005. 232 p., p. 21-42.

_____. De que falamos quando falamos de Cultura Visual? **Educação & Realidade**, Porto Alegre, 2006.

_____. **Catadores da Cultura Visual: proposta para uma nova narrativa educacional**. Porto Alegre: Editora Mediação, 2007.

HOUSEL, Rebecca. Mito, moralidade e as mulheres dos X-Men. In: IRWIN, William (Org.) **Super-Heróis e a filosofia: verdade, justiça e o caminho socrático**. São Paulo: Madras, 2005. 256 p., p. 83-94.

JUNIOR, Gonçalo. **A Guerra dos Gibis: a formação do mercado editorial brasileiro e a censura aos quadrinhos, 1933-64**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

LUYTEN, Sonia Bibe. **O poder dos quadrinhos japoneses**. São Paulo: Hedra, 2000.

McLAREN, Peter. **A Vida nas Escolas: Uma introdução à pedagogia crítica nos fundamentos da educação**. Porto Alegre: Artmed, 1997.

MAGALHÃES, Henrique. A mutação radical dos fanzines. **Conceitos**, João Pessoa, v. 10, p. 105-111, 2004.

MARVEL COMICS. O despertar do trovão. **Heróis Renascem Vingadores**. São Paulo: Abril, n. 1, dez. 1998.

_____. ...Que o homem não separe! **Heróis Renascem Vingadores**. São Paulo: Abril, n. 5, abr. 1999.

MASON, Rachel. **Por uma arte-educação multicultural**. Campinas: Mercado das Letras, 2001.

McCLOUD, Scott. **Desvendando os quadrinhos**. São Paulo: M.Books, 2005.

_____. **Reinventando os quadrinhos**. São Paulo: M.Books, 2006.

MELLO, Christine. Artemídia: Estratégias Efêmeras em Tempo Real. **POLÊMICA - Revista Eletrônica**, UERJ, v. 10, jul.-set. 2003. p. 2. Disponível em: <http://www2.uerj.br/%7Elabore/pol10/cimagem/pagina_rosto_p10.htm>. Acesso em 2 fev. 2006.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. Fontes visuais, história visual. Balanço provisório, propostas cautelares. **Revista Brasileira de História**, v. 23, n. 45, São Paulo, jul. 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882003000100002&lng=es&nrm=iso>. Acesso em: 6 maio 2006. doi: 10.1590/S0102-01882003000100002.

MIRZOEFF, Nicholas. **Una introducción a la cultura visual**. Barcelona: Paidós, 2003.

NASCIMENTO, Erinaldo A. **Formação de sujeitos visualmente subjetivados: infância, ensino e bom sujeito docente na perspectiva da cultura visual**. 2006. inédito.

PARSONS, Michael J. Mudando direções na arte-educação contemporânea. A Compreensão e o Prazer da Arte. Palestra proferida no V. Encontro: **Compreender a Arte: um ato de cognição verbal e visual**, São Paulo, SESC – Vila Mariana, 1999. Disponível em <http://www.sescsp.com.br/sesc/hotsites/arte/text_5.htm>. Acesso em: 06 maio 2006.

_____. Currículo, arte e cognição integrados. In: BARBOSA, Ana Mae (Org.). **Arte/Educação Contemporânea: consonâncias internacionais**. São Paulo: Cortez, 2005b. 423 p., p.295-317.

PEREIRA, Marcos Villela. Educação estética e interdisciplinaridade. In: CORRÊA, Ayrton D. (Org.). **Ensino de artes: múltiplos olhares**. Ijuí: Ed. Ijuí, 2004. 384 p., p. 215-236.

PERKINS, David. Qué es la comprensión? In: WISKE, Martha Stone. **La Enseñanza para la Comprensión**. Barcelona: Paidós, 1999. p. 69-92.

PILLAR, Analice Dutra. **Desenho e construção de conhecimento na criança**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996a.

_____. **Desenho e escrita como sistemas de representação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996b.

_____. (Org.). **A educação do olhar no ensino das artes**. Porto Alegre: Mediação, 1999.

POLLOCK, Griselda. **Vision and Difference**. New York: Routledge, 2003.

QUELLA-GUYOT, Didier. **A história em quadrinhos**. São Paulo: Loyola, 1994.

RAMA, Ângela e Vergueiro, Waldomiro (Orgs.) **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. São Paulo. Contexto, 2004.

RAMALHO E OLIVEIRA, Sandra. Da contemplação à interação. **Boletim Arte na Escola**, São Paulo, n. 43, p. 6, out. 2006.

RICHTER, Ivone M. A pluralidade cultural e o ensino de arte. In: CORRÊA, Ayrton D. (Org.). **Ensino de artes: múltiplos olhares**. Ijuí: Editora Ijuí, 2004. 384 p., p. 141-173.

ROMERO, Sonia Mara. A utilização da metodologia dos grupos focais na pesquisa em psicologia. In: SCARPARO, Helena (Org.). **Psicologia e pesquisa: Perspectivas metodológicas**. Porto Alegre: Sulina, 2000. p. 55-78.

SALIBA, Elias Thomé. s/título. In: MATTAR, Denise. Curadoria. **Traço, Humor & Cia**. São Paulo: Fundação Armando Álvares Penteado, 2003. p. 170-183.

SANCHO, Juana M.; HERNÁNDEZ, Fernando. La Investigación educativa como espacio de dilemas y contradicciones. **Revista de Educación**, n. 312, p. 81-110, 1997.

SANCHO, Juana M. Una delimitación compleja de la problemática de la investigación educativa. In: **De l'interès per un tema al disseny d'un projecte de recerca. Aspectes ontològics, epistemològics i metodològics**. Texto apresentado em Curso de Doutorado [...], Universidade de Barcelona, 1997-1998, p. 39-47.

SANTAELLA, Lucia. **Comunicação e Pesquisa: projetos para mestrado e doutorado**. São Paulo: Hacker, 2002.

SCARELI, Giovana. **Educação e história em quadrinhos: a natureza na produção de Maurício de Souza**. Dissertação de Mestrado em Educação. Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2003. Disponível em: <<http://libdigi.unicamp.br/document/?code=vtls000298997>>. Acesso em: 27 mai. 2006.

SEED. **DIRETRIZES CURRICULARES PARA O ENSINO FUNDAMENTAL - EDUCAÇÃO ARTÍSTICA. 2004-2005**. Disponível em: <http://www.seed.pr.gov.br/portals/portal/diretrizes/dir_ef_educart.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2006.

SERPA, Dagmar; ALENCAR, Marcelo. As boas lições que aparecem nos gibis. **Revista Nova Escola**, abr. 1998. Versão *online*. Disponível em: <http://www.ensino.net/novaescola/111_abr_98/html/repcapa.htm>. Acesso em: 25 jul. 2006.

SILVA, C. Rocha; GOBBI, B. Christo; SIMÃO, A. Ana. O uso da análise de conteúdo como uma ferramenta para a pesquisa qualitativa: descrição e aplicação do método. **Lavras**, v. 7, n. 1, p. 70-81, 2005. Disponível em:

<http://www.dae.ufla.br/revista/revistas/2005/2005_1/revista_v7_n1_jan-abr_%202005_6.pdf>. Acesso em: 9 out. 2006.

SILVA, Nadilson Manoel da. **Fantasia e cotidiano nas histórias em quadrinhos**. São Paulo: Annablume; Fortaleza: Secult, 2002.

SILVA, Tomaz Tadeu. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

STEINBERG, Shirley; KINCHELOE, Joe. Sem segredos: cultura infantil, saturação de informação e infância pós-moderna. In: STEINBERG, Shirley; KINCHELOE, Joe (Orgs.) **Cultura infantil: a construção corporativa da infância**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004. 416 p., p. 9-52.

SWAIN, Tania Navarro. Feminismo e representações sociais: a invenção das mulheres nas revistas 'femininas'. **História: Questões & Debates**, Curitiba, Ed. da UFPR, n. 34, p. 11-44, 2001.

VERGUEIRO, Waldomiro. Especialista em histórias em quadrinhos, Waldomiro Vergueiro, analisa o mercado brasileiro. **RIO MÍDIA** - Centro Internacional de Referência em Mídias para Crianças e Adolescentes. Entrevista. 19 maio 2006 [online]. Disponível em: <http://www.multirio.rj.gov.br/portal/riomidia/rm_entrevista_conteudo.asp?idioma=1&idMenu=4&label=&v_nome_area=Entrevistas&v_id_conteudo=64847>. Acesso em: 6 jun.2007.

WILSON, Brent; WILSON, Marjorie. Uma visão iconoclasta das fontes de imagem nos desenhos das crianças. In: BARBOSA, Ana Mae (Org.). **Arte-educação: leitura no subsolo**. São Paulo: Cortez, 2005a. p.59-77.

WILSON, Brent. Mudando conceitos da criação artística: 500 anos de Arte/Educação para crianças. In: BARBOSA, Ana Mae (Org.). **Arte/Educação Contemporânea: consonâncias internacionais**. São Paulo: Cortez, 2005b. 432 p., p. 81-97.

WISKE, Martha Stone (Comp.). **La Enseñanza para la Comprensión**. Barcelona: Paidós, 1999.

ZIRALDO. **O Menino Quadrado**. São Paulo: Melhoramentos, 1989.